

O FRUTO DO ESPÍRITO (GI 5.22-25)

Estudo 18 – O que Jesus faria?

Em 1896, Charles Sheldon escreveu *Em seus passos o que faria Jesus?*, um romance no qual um rapaz passa a agir sempre com a premissa de fazer o que imaginava que Jesus faria em seu lugar, mudando totalmente suas atitudes para com os outros. É um dos livros mais vendidos de todos os tempos, em parte por que o editor original não registrou os direitos autorais corretamente, permitindo que outras editoras publicassem o livro sem pagar ao autor. Ironicamente, elas não agiram como Jesus.

Quais são as dificuldades que geralmente enfrentamos para fazer o bem a alguém?

Como vimos, a benignidade é aquele impulso que se move na direção do próximo para lhe fazer bem – um movimento que vemos no próprio Deus, e que devemos imitar. Como disse Davi, quando queria beneficiar os descendentes de seu fiel amigo Jônatas (2Sm 9.3): “Não há ainda alguém da casa de Saul para que use eu da *bondade de Deus* para com ele?” É imitando a benignidade de Deus que podemos ser benignos uns com os outros.

Temos uma ilustração disso na vida de Rute. Ela poderia ter retornado ao seu povo em busca de um recomeço, já que era uma jovem viúva sem filhos; mas se recusou a abandonar sua sogra, também viúva, e ainda saiu pelo campo para conseguir o sustento de ambas (Rt 1.15-18; 2.11,12). Como se não bastasse, ela bondosamente arriscou sua reputação para conseguir um casamento com um parente de Noemi, a fim de resgatar as terras da família dela (3.7-10). Por sua vez, Boaz retribuiu generosamente a benignidade da jovem moabita para com Noemi, sua parente: acolheu e protegeu em seus campos, ajudou com alimento, aceitou ser o resgatador da linhagem do marido de Noemi (2.5-9,14-16; 4.9,10). Contudo, o texto deixa claro que, em tudo isso, Noemi, Rute e Boaz estavam sendo instrumentos da benevolência do próprio Deus (1.8; 2.20; 4.13,14).

Por todo o AT, vemos o povo sendo ordenado a usar de benignidade no dia-a-dia, para refletir o caráter do seu Senhor (Mq 6.8; Pv 11.17; 14.21; 19.17). Cristo mostrou extraordinária benignidade, ao dedicar tempo e atenção preciosos para ajudar os pobres, enfermos e marginalizados, derrubando barreiras e tabus sociais com amabilidade e gentileza, falando, comendo e bebendo com pessoas que a sociedade desprezava (Mt 9.20-22; Mc 2.15,16; Lc 18.15,16; Jo 4.7-10).

Ser benigno e amável significa ajudar os outros, animá-los ou consolá-los, fazer algo que os sirva ou beneficie – é estar disposto a usar seu tempo precioso para ajudar em uma situação difícil. A amabilidade vai além de fazer apenas o que é seu dever, ela escolhe fazer o bem porque é bom, não porque precisa fazer. A amabilidade significa fazer algo que não lhe dará nenhum retorno, pois não busca a recompensa. Aliás, a verdadeira amabilidade geralmente tem um custo para quem a pratica – sejam recursos materiais ou emocionais, tempo e o que mais for necessário.

A benignidade é esse tipo de comportamento, que leva a pessoa a se colocar em lugar da outra e se perguntar: “O que eu mais desejaria ou precisaria que fosse feito por mim?”. Está bastante próxima da ordem do Senhor Jesus para que seus discípulos que fizessem pelos outros o que desejavam que alguém fizessem por eles mesmos (Mt 7.12; Lc 6.31).

É claro, sempre somos tentados a reduzir o alcance desse mandamento. Foi por isso que Jesus contou uma de suas parábolas mais famosas, na qual descreve como um samaritano teve compaixão de um desconhecido judeu que havia sido atacado por bandidos (Lc 10.30-35). A fim de ajudar, o homem teve que abrir mão de sua agenda (interrompeu a viagem), de sua segurança (parou num lugar perigoso), do conforto (cedeu a montaria), de dinheiro (pagou a hospedagem do outro).

Com frequência, estamos ocupados demais, temos coisas a fazer, pessoas a encontrar, uma agenda a cumprir, e deixamos passar a oportunidade de demonstrar benignidade e amabilidade ao morador de rua, ao idoso que parecia desorientado no shopping, ao funcionário que nos atendeu bem, ao colega de trabalho com olhar entristecido. Ao final do dia, não fizemos mal a ninguém, mas também não fizemos o bem que poderíamos ter feito. Não somos muito parecidos com Jesus.

Para que a benignidade seja como hábito em nossas vidas, devemos cultivá-la em tudo o que fizermos. Segundo o apóstolo Paulo, deve fazer tudo:

- *em nome do Senhor Jesus* (Cl 3.17) – isto é, agir como se o próprio Cristo estivesse agindo por meu intermédio;
- *como para o Senhor* (Cl 3.23) – isto é, agir como se a outra pessoa fosse Cristo, como se o que eu faço a ela fosse na verdade a ele.

Imagine quanta diferença faria em nosso dia se seguissemos esses dois princípios!

APLICAÇÃO

Aceite o desafio de fazer essas duas perguntas a você mesmo antes de lidar com as pessoas ao seu redor:

- O que eu faria por essa pessoa se *eu* fosse Jesus?
- O que eu faria por essa pessoa se *ela* fosse Jesus?

Pr. Alceu Lourenço